

AUTISMO: OUTRAS FORMAS DE EXISTIR NO MUNDO

Camila Rebeca Bégio Pereira¹

Resumo

O presente artigo destaca da obra “Seminário de Psicanálise de Crianças” casos clínicos de crianças autistas analisados pela pediatra e psicanalista Françoise Dolto. A partir das descrições dos casos, questionamentos surgem para dialogar com o leitor a respeito das definições do autismo enquanto forma de existir no mundo, contrapondo-se à crescente psicopatologização e medicalização das infâncias. Desenvolvido junto ao Laboratório de Estudo de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise (LECHESP/FE-UNICAMP), este texto é resultado parcial da dissertação de mestrado intitulada *Pensamento Psicanalítico e Educacional de Françoise Dolto*², que investigou o pensamento clínico e educacional da autora a partir de suas obras, com ênfase na escuta como estratégia de cuidado e prevenção do sofrimento psíquico infantil. Trata-se de uma pesquisa de cunho documental e bibliográfico, que propõe um convite para a defesa de uma perspectiva educacional que valoriza as crianças de todas as idades enquanto interlocutores válidos e sujeitos de desejos, criadores de códigos e linguagens complexas e estruturadas, a serem decodificadas e, sobretudo, respeitadas.

Palavras-chave: Autismo; Françoise Dolto; Psicanálise de Crianças; Psicanálise.

Eixo temático prioritário: Eixo 02 - As várias faces da educação: para além da inclusão.

Introdução

Este resumo expandido apresenta reflexões oriundas da dissertação de mestrado intitulada *Pensamento Psicanalítico e Educacional de Françoise Dolto*, desenvolvida no Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise (LECHESP/UNICAMP), com fomento CAPES (nº 88887.829368/2023-00). A partir da obra *Seminário de Psicanálise de Crianças* (2013), de Françoise Dolto, o texto propõe compreender o autismo como uma forma de existir, afastando-se de concepções patologizantes e medicalizantes. A pesquisa parte de experiências vividas em sala de aula com crianças autistas, em diálogo com os casos clínicos descritos por Dolto, especialmente os de Didier e Gérard, para refletir sobre a

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciada em Pedagogia pela UNICAMP. Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação, Sociologia e Psicanálise (LECHESP). Psicopedagoga e Arteterapeuta.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0209-9185>. E-mail: c195337@dac.unicamp.br.

² A dissertação supracitada é fruto da pesquisa de mestrado fomentada pela CAPES, processo nº 88887.829368/2023-00 do Programa PROEX.

linguagem, os gestos e os afetos das crianças que muitas vezes são rotuladas sem escuta.

O filósofo Jorge Larrosa Bondía (2002) elucida que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, diante desta poética, infere-se que na pesquisa das humanidades é possível que a ciência seja produzida com o aporte das experiências que motivam a busca pelos objetos e sujeitos da pesquisa acadêmica. Durante minha trajetória como professora de educação infantil e pesquisadora da infância, duas experiências marcaram minha história e serviram de fio condutor para minhas perguntas sobre a educação e a infância.

Ambas aconteceram numa turma de crianças de 5 anos, a primeira, durante um jogo que tinha como objetivo a contagem de formas geométricas coloridas, perguntei para J., uma criança com autismo, quantos triângulos haviam sido pintados. Antes que J. pudesse responder, uma voz tímida surge ao fundo dizendo “o J. não vai saber contar”.

Essa cena criou a necessidade de interromper o jogo para formar uma roda de conversa sobre o autismo. Durante a conversa, outra criança, A. se posiciona de maneira bastante firme com os amigos e afirma: “O J. sabe tudo! É que ele guarda segredo das coisas que ele sabe!” - Essa observação de A. abre precedentes para os amigos pensarem em outras crianças da escola que também “guardam segredos” e comentam sobre outra criança autista que frequenta, além da escola regular, uma clínica terapêutica transdisciplinar, cujo espaço A. nomeou como “lugar que as crianças vão para aprender a contar os segredos”.

A roda de conversa resultou num momento especial em que os amigos de J. tiveram a oportunidade de perceber que crianças autistas tudo sabem, mas que nem sempre externalizam da mesma forma que crianças não autistas. E no fim do jogo, J. sabia e verbalizou a quantidade exata de triângulos que foram pintados.

A segunda experiência aconteceu na mesma turma, quando um professor chegou para se apresentar e J. não respondeu verbalmente o cumprimento, em seguida sua amiga O. disse ao professor que “o J. só fala de vez em quando porque ele é artista”. Uma criança que, na intenção de falar “autista”, troca por “artista”, tem muito a ensinar aos adultos.

Diante deste breve relato de experiência, o livro “Seminário de Psicanálise de Crianças” foi construído a partir da transcrição de diálogos vivenciados nos seminários oferecidos por Françoise Dolto na Escola Freudiana de Paris e no Instituto de Jovens Surdos. Essa obra foi elencada como alicerce teórico do presente artigo devido a sua

riqueza de detalhes na descrição dos casos de crianças autistas e principalmente por apresentar o autismo enquanto forma de se manifestar no mundo.

Além de oferecer contribuições práticas sobre a comunicação com crianças autistas, no segundo capítulo “*A criança, sintoma dos pais*”, Dolto aborda um assunto urgente: a medicalização e a patologização das infâncias, especificando que a função do psicanalista não é querer que os pais tirem os remédios das crianças autistas que já passaram por acompanhamento psiquiátrico, pois apesar de servir como um amortecedor medicamentoso que obstaculiza a sociabilidade da criança, há casos em que a intervenção farmacológica faz-se necessária, quando o corpo da criança carece de determinada substância para sobreviver, considerando que os efeitos podem ser diversos de acordo com cada sujeito.

Penso, por exemplo, em muitas crianças autistas, entupidas de medicamentos entorpecedores pelos médicos, quando seus exames não haviam revelado nada de orgânico. Constatei a mesma coisa com crianças que não são surdas, mas às quais os médicos impõem mesmo assim o uso de aparelhos, porque elas se recusam a ouvir. A partir do momento em que uma verdadeira comunicação se estabelece com o terapeuta, as crianças arrancam os aparelhos. (DOLTO, 2013, p. 35).

Em contato com uma pediatra que ajustava a dose das medicações de acordo com os relatos das crianças, Dolto pôde compreender que a impotência dos profissionais da saúde diante de casos que não são orgânicos pode resultar em tratamentos violentos que entorpecem a criança, e, portanto, é fundamental oferecer ao ser humano a responsabilidade sobre seu próprio corpo, de forma que as crianças permaneçam a escuta de si mesmas, observando e descrevendo os efeitos das medicações em seus corpos.

O questionamento que aqui se desprende é: a sociedade da presente época tem informação e formação suficiente para se adaptar com a estrutura de existir da criança autista? Ou serão as crianças autistas que deverão se adaptar sempre para pertencer ao código social? Há espaço na sociedade para as diversas formas de linguagem e comunicação? Estamos preparados para compreender que as crianças autistas são crianças que guardam segredos valiosos e que são artistas que criam estruturas complexas e completas de comunicação e se relacionam com o mundo sensorial de maneira particular? Os profissionais da educação possuem formação suficiente para compreender que os sentidos e as sensibilidades de cada criança não se manifestam de maneira uniforme e que a diversidade de linguagem é enriquecedora para o ambiente escolar?

Françoise Dolto, com toda sua maestria de uma pediatra psicanalista levanta questões que ultrapassam os anos e reposiciona o autismo enquanto uma estrutura e um estado que deve ser questionado e, sobretudo, deve ser colocado em palavras. Uma criança autista carrega em si todas as dores de não ser compreendido por não utilizar da linguagem usual, no entanto, carrega também todo o prazer de possuir em si a potência criadora de uma linguagem completa somente sua e da ótica de um universo particular.

Objetivos

O principal objetivo é investigar o autismo sob a ótica da psicanálise de Françoise Dolto, entendendo-o como um estado, que revela formas singulares de comunicação e existência. Busca-se, com isso, contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis e respeitosas às infâncias autistas, contrapondo-se à lógica de adaptação forçada da criança ao código social. Também se pretende problematizar práticas terapêuticas condicionais e propor uma escuta que reconheça as singularidades subjetivas dessas crianças.

O que esta pesquisa evidencia é que a psicanálise pode contribuir com a educação na medida em que busca o “o porquê” dos comportamentos autísticos. Enquanto algumas abordagens se dedicam em explicar “para quê” as estereotipias existem, a psicanálise de Françoise Dolto contribuiu com a compreensão das raízes das estereotipias, ou compulsões.

Ao buscar os motivos das estereotipias e compulsões, concomitantemente buscamos as origens das manifestações psíquicas, considerando que a criança autista constrói em si seus próprios códigos de comunicação, nem sempre correspondentes com a linguagem habitual de sua cultura, e portanto, saber que as estereotipias das crianças autistas servem como reguladores emocionais não é suficiente, é necessário formar os educadores para que escutem e observem atentamente as crianças, para alcançarmos a fonte na qual os sofrimentos psíquicos são fecundados e, por fim, preveni-los.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem documental e bibliográfica. O principal referencial teórico é a obra de Françoise Dolto, especialmente o *Seminário de Psicanálise de Crianças* (2013). A análise também se fundamenta em experiências com crianças autistas em contexto escolar, numa

perspectiva que valoriza as práticas de escuta, observação sensível e decodificação das linguagens expressivas da criança. A metodologia se fundamenta na produção de conhecimento a partir da experiência, como aponta Jorge Larrosa Bondía (2002), e prioriza o olhar pedagógico sobre a constituição psíquica da criança.

Resultados

Há de reconhecer a potencial polêmica quando consideramos o autismo um estado, um “tornar-se”. É, em certo sentido, ir na contramão das definições de autismo estabelecidas por manuais que fundamentam os diagnósticos psiquiátricos e neurológicos. Contudo, a psicanálise assume a responsabilidade de olhar com novas lentes o que outras abordagens da psicologia humana tendem a medicalizar.

Compreender o autismo enquanto estado é uma ferramenta para lutar contra a patologização e a medicalização da infância. É compreender que entre o “típico” e o “atípico” existe uma lacuna cultural das expectativas que cada sociedade cria sobre o ser criança em determinada época.

Compreender o autismo enquanto estado é, sobretudo, compreender que as crianças guardam segredos e que algumas decodificam os códigos da linguagem comum para contar esses segredos e outras são “artistas” que criam seus próprios códigos para se expressarem por meio dos corpos.

O autismo representa uma nova estrutura de existir no mundo, ora, a luta pelo respeito às diferenças não pode estar atrelada ao desejo de fazer com que as pessoas autistas se expressem da mesma forma que pessoas não autistas. A luta pelo respeito às diferenças entre as pessoas demanda a compreensão de que há diversas formas de existir, e o existir autístico é, dentre as várias estruturas psíquicas, um estado único de experiências sensoriais e relações interpessoais.

A pesquisa revelou que muitas manifestações autísticas são formas simbólicas de comunicação que, quando compreendidas, podem reintegrar a criança na linguagem e no convívio social. Os casos de Didier e Gérard, analisados por Dolto, mostram como gestos estereotipados e linguagens inventadas não são ausência de linguagem, mas modos próprios de significar o mundo.

Experiências em sala de aula demonstram que os colegas também são capazes de construir compreensões potentes sobre o autismo, como no caso da criança que afirma que o colega “guarda segredos” ou que é “artista”. A análise crítica de práticas terapêuticas baseadas em trocas condicionais evidencia o risco de desrespeitar a singularidade da criança em nome da adequação.

Considerações Finais

Compreender o autismo como um estado permite deslocar o olhar da deficiência para a potência. A escuta psicanalítica proposta por Françoise Dolto evidencia que o sofrimento psíquico pode ser aliviado quando a criança é reconhecida como sujeito de desejo e portadora de uma linguagem própria. A psicanálise contribui para a educação ao possibilitar que o adulto busque o “porquê” do comportamento e não apenas o “para quê”, abrindo caminhos para práticas mais humanizadas.

O artigo defende a necessidade de formação dos profissionais da educação para que possam acolher a diversidade sensorial e linguística das infâncias, reconhecendo nas crianças autistas interlocutores válidos, artistas e criadores de universos inteiros de sentido.

Evidentemente, uma criança autista, integrada a uma rotina com um grupo social se comunica de maneira diferente no ambiente escolar e na clínica psicanalítica, e certamente não se pretende transformar a escola numa clínica, mas sim trazer da clínica suportes que facilitam o trabalho docente durante o processo de ensino-aprendizagem com as crianças.

Considerando, de fato, o movimento de ensino e aprendizagem entre adultos e crianças um processo, pois trata-se de uma relação que se retroalimenta. Françoise Dolto anuncia que as crianças que curam as crianças, pois as crianças comunicam-se com os adultos de maneira que outras crianças compreendem, trata-se de uma linguagem que foi transformada pelos adultos durante o processo de crescimento, mas que nas crianças permanecem intactas e singelas. Nas crianças estão cifrados os códigos para que possamos compreendê-las e oferecer melhores oportunidades para que construam seus caminhos.

Referências Bibliográficas

CIFALLI, Mireille (Org.). *Seguindo os passos de Françoise Dolto*. Campinas, SP: Papirus, 1989. 234p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Minas Gerais, no. 19, p. 20-28, 2002.

DOLTO, Françoise. *Enfances*. Paris: Seuil, 1986, 144p.

DOLTO, Françoise. *Os caminhos da educação*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

DOLTO, Françoise. *Seminário de Psicanálise de Crianças*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2013. 497p.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR – Text Revision*. 1. ed. Washington, DC: American Psychiatric Publishing, 2022.